



UNIVERSIDADE DE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA MARLENE CASTRO DE ABREU

**EXPERIMENTOS E VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO
ASSENTAMENTO 25 DE MAIO EM MADALENA-CE.**

QUIXADÁ/CEARÁ

2015

MARIA MARLENE CASTRO DE ABREU

**EXPERIMENTOS E VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO
ASSENTAMENTO 25 DE MAIO EM MADALENA-CE.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, em Quixadá, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva (Barrinha).

QUIXADÁ/CEARÁ

2015

MARIA MARLENE CASTRO DE ABREU

**EXPERIMENTOS E VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO
ASSENTAMENTO 25 DE MAIO EM MADALENA-CE.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Aprovada em 16 de maio 2015.

BANCA EXAMINADORA

Dr. FRANCISCO JOSÉ CHAVES DA SILVA (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

DRA. APARECIDA CARNEIRO PIRES
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

MS. DANIEL PINTO GOMES
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Dedico esse trabalho especialmente a duas pessoas que possibilitaram grande parte desta conquista. Meu filho, Antonio Jerri Castro de Abreu e ao Professor Dr. Francisco José Chaves da Silva (Barrinha). Meu trabalho monográfico é dedicado a vocês, que muito contribuíram na realização de mais um sonho em minha vida, que tiveram paciência e que me ajudaram bastante a concluir este trabalho. Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois não seria possível chegar tão longe sem as bênçãos do senhor.

À Universidade Federal do Ceará pela oportunidade de estar realizando este trabalho.

À minha família, pelo incentivo e colaboração, principalmente nos momentos difíceis.

Ao Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva (Barrinha), pela excelente orientação.

Às minhas colegas pelas palavras amigas nas horas difíceis e pelo auxílio nos trabalhos e diminuição de minhas dificuldades tornando minha caminhada mais fácil e agradável.

À minha amiga Socorro, pelo acolhimento em sua casa com sua família.

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem como finalidade pesquisar as percepções, as experimentações e as vivências através das artes construídas por doze crianças, de turmas multisseriadas, de duas escolas do Assentamento 25 de Maio, investigando a possibilidade e os meios de se fazerem arte. Deste modo a investigação vem com a pretensão de discorrer a visão do interior para o exterior do Assentamento, o breve histórico desenvolvido é o fio condutor desta investigação. Desmistificando a visão, por vezes negativas, da sociedade em relação aos assentamentos, através das narrativas existentes nas produções das artes desenvolvidas pelas crianças de 3 a 5 anos de idade que estudam nas escolas do assentamento. Proponhamos um diálogo a partir das vivências das crianças nas aulas de arte. Neste sentido, descrevemos o processo da arte no Assentamento desde os primórdios do acampamento até o presente momento. A proposta metodológica envolve uma pesquisa nas escolas através de observações sobre os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, com intervenção da professora, onde as crianças vivenciam diferentes conceitos de atividades referentes às artes plásticas. Ao término deste trabalho percebemos que a criança do campo não se limita a recordar experiências vividas ou contadas. Nem as reproduções fiéis de obras de artes, ainda que elas também interessem –se por situações criadas, produzidas; as crianças do campo, assim como quaisquer outras crianças de outros contextos sociais, necessitam de experiências anteriores que lhes permitam a criação de símbolos, nem que sejam simples repetições das coisas vistas ou ouvidas no seu cotidiano.

Palavras-chave: Assentamento. Crianças. Vivências. Campo. Escola. Artes.

RESUMEN

Esta investigación, de carácter cualitativo, tiene como objetivo investigar las percepciones, las pruebas y experiencias a través de las artes integradas por doce niños en aulas multigrado, dos escuelas de Liquidación 25 de mayo de investigar la posibilidad y los medios de hacer arte. Por lo tanto la investigación viene reclamando para discutir la visión interior al exterior de la Conciliación, la breve historia desarrollada es el hilo conductor de esta investigación. Desmitificando la visión, a veces negativa, la sociedad en relación con los asentamientos a través de narrativas existentes en producciones artísticas desarrolladas por los niños de 3-5 años de edad que estudian en las escuelas de la liquidación. Nosotros proponemos un diálogo de las experiencias de los niños en clases de arte. En este sentido, se describe el proceso de la técnica en la solución de los inicios del campamento hasta la actualidad. La metodología consiste en una encuesta en las escuelas a través de observaciones sobre el trabajo desarrollado por los estudiantes, con la intervención del profesor, donde los niños experimentan diferentes conceptos de las actividades relacionadas con las artes plásticas. Al final de este trabajo nos damos cuenta de que el campo niño no está limitada para recordar experiencias vividas o contadas. Ni los fieles reproducciones de obras de arte, a pesar de que también -si interesados creados por situaciones producidas; los niños del campo, así como cualquier otros niños en otros contextos sociales, necesitan experiencia previa para que puedan crear símbolos, o que son simples repeticiones de cosas vistas u oídas en su vida cotidiana.

Palabras clave: Arreglo. Niños. Experiencias. Campo. Escuelas. Artes.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Escola de Ensino Médio, do Campo João dos Santos de Oliveira.....	33
Imagem 2 – Escola de Ensino Fundamental Antonio Conselheiro.....	34
Imagem 3 – Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio I.....	37
Imagem 4 – Acampamento do MST referência para o Assentamento 25 de Maio.....	40
Imagem 5 – Crianças na “Ciranda Infantil” mostrando suas criatividade.....	43
Imagem 6 – Bandeira do MST em forma de um quebra cabeça.....	44
Imagem 7 – Crianças usando suas criatividade artísticas.....	45
Imagem 8 – Mural dos trabalhos de desenhos e pinturas realizados pelas crianças.....	46
Imagem 9 – Crianças desenhando e pintando a bandeira do MST.....	48
Imagem 10 – Pré-conclusão do trabalho do desenho e pintura da bandeira do MST.....	49
Imagem 11 – Resultado do trabalho de artes das crianças (Bandeira do MST).....	50
Imagem 12 – Trabalho coletivo das crianças, desenhando a bandeira do Brasil no TNT.....	51
Imagem 13 – Resultado do trabalho coletivo das crianças (Bandeira do Brasil).....	52
Imagem 14 – Crianças na frente da Escola Antonio Conselheiro observando a limpeza da horta.....	53
Imagem 15 – Famílias dos estudantes limpando e colhendo verduras na escola Antonio Conselheiro.....	54
Imagem 16 – Desenho de um coração com sementes de PAU-BRASIL feito pelas crianças da Escola 25 de Maio I.....	55
Imagem 17 – Criança contornando com semente de PAU-BRASIL o desenho de um coração.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MST	Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra
CPT	Comissão Pastoras da Terra
PPP	Projeto Político Pedagógico
PT	Partido dos Trabalhadores
INCRA	Instituto de Nacional de Colonização e Reforma Agrária
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFP	Universidade Federal de Pernambuco
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
CE	Ceará
CEJA	Centro de Educação para Jovens e Adultos
KG	Quilograma
KM	Quilômetro
RA	Reforma Agrária
ENERA	Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TNT	Tecido Não Tecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. NARRATIVA DE VIDA DA PESQUISADORA.....	15
1.1. Formação educacional inicial.....	17
1.2. Formação acadêmica.....	17
1.3. Vida profissional.....	19
2. BREVE HISTÓRICO DAS ORIGENS DOS ASSENTAMENTOS DO BRASIL.....	25
2.1. A questão da terra no Brasil.....	25
2.2. A Reforma Agrária.....	26
2.3. Para se plantar sabedoria e colher conhecimento, é preciso mais que apenas terras.....	27
2.4. Surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST – e a nossa luta ganha ares políticos.....	28
3. HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO.....	29
4. HISTÓRIA DAS ESCOLAS ENVOLVIDAS NA PESQUISA: ANTÔNIO CONSELHEIRO E 25 DE MAIO I.....	33
4.1. ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIO CONSELHEIRO.....	33
<i>4.1.1. Breve histórico da Comunidade São Nicolau.....</i>	<i>33</i>
<i>4.1.2. Histórico da Escola Antonio Conselheiro.....</i>	<i>34</i>
<i>4.1.3. Marco filosófico da Escola Antonio Conselheiro.....</i>	<i>35</i>
4.2. ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL 25 DE MAIO I.....	36
<i>4.2.1. Condições socioeconômicas da comunidade onde está localizada a Escola 25 de Maio I.....</i>	<i>36</i>
<i>4.2.2. Histórico da escola 25 de Maio I.....</i>	<i>37</i>
5. PERFIS DAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS NA PESQUISA.....	38

6. NARRATIVAS METODOLÓGICAS: OS MODOS DE FAZER ARTES DAS CRIANÇAS NO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO, MADALENA – CEARÁ.....	39
6.1. Descrição da Ciranda Infantil no Assentamento 25 de Maio.....	42
6.2. Em busca de uma aprendizagem significativa em arte.....	46
7. ANÁLISE DE DADOS: UM OLHAR CONSTRUÍDO A PARTIR DOS TRABALHOS DE ARTES FEITOS NAS ESCOLAS ANTONIO CONSELHEIRO E ESCOLA 25 DE MAIO I.....	48
7.1. Análise de dados dos trabalhos de artes na Escola 25 de Maio I.....	54
8. DIALOGANDO COM OS AUTORES À BUSCA DE OUTRAS COMPREENSÕES.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

INTRODUÇÃO

Nesses longos anos de estudos, tanto em nível fundamental, médio, graduação e agora pós-graduação, ocorreu-me olhar para aquelas crianças que estavam se deparando com o desafio de descobrir coisas pelo caminho das artes, com um olhar investigativo no propósito de desvendar conhecimentos artísticos e educacionais aplicados e ou percebidos pelas crianças. Deste modo eu pude perceber, pela produção de alguns trabalhos, que a ausência de noções básicas, a falta de clareza sobre a organização de alguns fatores como a falta de projetos pedagógicos e a não familiaridade com a linguagem própria do campo da arte, são fatores que acarretam uma enorme dificuldade às crianças em lidar com muitos conceitos, em especial com a construção clara e objetiva do seu mundo estético e abstrato. Diga-se abstrato pela significação real em abstrair, retirar de.

Este trabalho, dimensionado em olhar histórico e sociocultural, adquire cunho bastante autoral proporcionado pelas diminutas referências de títulos de autores que haveriam de abordar tal assunto. Como base, então, recorreremos às nossas próprias vivências, conhecimentos empíricos referendados nas classes populares, nas vivências e experiências de crianças residentes do Assentamento 25 de Maio¹ em Madalena, Quixadá-Ce.

A pesquisa apresenta também relatos da vida pessoal, das ações acadêmicas e das atuações profissionais da pesquisadora, bem como do seu relacionamento e identidade pessoal presentes ao Movimento dos Sem-Terra – MST-. Está escrito em linguagem simples, porém organizada e direta, com a pretensão em dispor aos que dele possam necessitar enquanto subsídio de material didático e ou de pesquisa sendo facilitado fácil acesso e manuseio. Em tempo, comunicamos que foi praticamente impossível não usarmos em nossas narrativas o uso do “eu”, porquanto o assunto tratado ser também de abordagem e vivência pessoal em relação às experiências da pesquisadora/professora; e o uso do “nós”, enquanto pertinência de cunho coletivo em seu sentido acadêmico, ou seja, quando da pesquisa envolver pesquisadora e as demais colaborações direta e ou indiretamente no assunto abordado; é que as particularidades assim nos impuseram “nós”. Decidimos proceder deste modo, respeitando as particularidades de cada situação, para preservarmos as autenticidades das nossas narrativas.

¹- Assentamento 25 de Maio, Zona Rural, S/N, Madalena – Ceará / CEP: 63860-000, onde se localizam as duas escolas pesquisadas: Antonio Conselheiro e 25 de Maio I.

Como o próprio título sugere é uma demonstração dos modos de ser e fazer artes, dos povos camponeses assentados, e como objetivo geral, a fim de pesquisar as percepções, as experimentações e as vivências através da arte construída por doze crianças de turmas multisseriadas de duas escolas do Assentamento 25 de Maio no município de Madalena-Ceará. A constituição dos objetivos específicos teve as seguintes referências: possibilitar que as pessoas (não assentadas)² tenham uma visão do interior para o exterior do assentamento 25 de maio; desmistificar a visão que a sociedade tem dos assentamentos através das narrativas existentes nas produções de artes das crianças de três, quatro e cinco anos de idade que estudam nas escolas do assentamento; descrever o processo da arte no Assentamento 25 de Maio desde os primórdios do acampamento³ até o período atual; e desmistificar a forma que a sociedade tem em relação à arte produzida pelas crianças do Assentamento 25 de Maio.

A pesquisa está dividida em oito tópicos correlacionados e estruturados em experiências e vivências que contam fatos e nos fazem entendermos que ninguém é mais “culto” do que ninguém, por ter frequentado a universidade ou aprender as “pinturas de Van Gogh e/ou a música de Bach”. O que existe são culturas e saberes necessários às práticas educativas e socialmente complementares.

No primeiro tópico relata parte da vida da pesquisadora, desde o nascimento até a fase adulta, onde trata da formação educacional inicial, ilustrado com trechos da vida acadêmica e profissional, bem como suas experiências e vivências com a população assentada, seu trajeto histórico no campo e na sociedade.

No segundo nós definimos o processo histórico das origens dos assentamentos do Brasil, onde se destaca a questão da terra no Brasil; A Reforma Agrária; Para se plantar sabedorias e colher conhecimentos, é preciso mais do que apenas terras; O surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e como a luta ganha ares políticos.

No terceiro tópico uma descrição da história do Assentamento 25 de Maio, o primeiro e o maior assentamento do MST do Estado do Ceará, onde apresentamos os avanços e as dificuldades encontradas durante o processo de sua existência e conquistas.

No quarto trabalhamos com a história das escolas envolvidas na pesquisa, como a Escola Antônio Conselheiro e a Escola 25 de maio I, com breve histórico das comunidades

²- As pessoas não assentadas são aquelas que vivem no Assentamento mais não são cadastradas no INCRA. São basicamente chamadas de agregadas.

³- Espaço onde um grupo de pessoas vivem em situação transitória, emergencial e implica ações de arrecadação de alimentos, roupas, ajuda financeira e remédios, busca de apoio logístico e político, mobilização da imprensa e da opinião pública, negociação com o Estado e com outros interessados com vistas a atingir o assentamento.

escolares inseridas, condições socioeconômico das comunidades que as escolas estão alocadas, e as suas localizações dentro do assentamento. Os históricos das escolas foram retirados dos PPP da Escola Antonio Conselheiro (2009) e da Escola Maio I (2010).

O quinto tópico traz um perfil das crianças envolvidas na pesquisa desde o início em que os pais moravam debaixo de lonas pretas, chamadas de acampamento, até a posse da terra, onde passou a ser chamado de assentamento. As crianças de hoje são filhos/as dos pais que eram crianças na época da ocupação e do acampamento.

O sexto tópico apresenta as narrativas metodológicas, onde apresenta os modos de fazer artes das crianças no Assentamento 25 de Maio em Madalena – Ceará, onde descrevemos a origem do termo Ciranda Infantil e sua descrição dentro do assentamento.

O sétimo apresenta o relato da busca de uma aprendizagem significativa com a arte e com trabalhos de artes com as crianças nas Escolas de Antonio Conselheiro e 25 de Maio I. Uma análise de dados construído a partir dos trabalhos de artes feitos nas escolas Antonio Conselheiro e 25 de maio I.

O oitavo e último tópico apresenta como fundamental teórica um embasamento com os autores, principalmente com o maior educador brasileiro de todos os tempos e fonte de inspiração da pesquisadora, Paulo Freire (pag. 66, 1987), em Pedagogia do Oprimido que dizia “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Pensamento o qual nos serviu como referência e bússola a nos guiar durante toda a pesquisa que deu suporte para este trabalho monográfico.

1. NARRATIVA DE VIDA DA PESQUISADORA

Eu inicio a minha narrativa de vida com uma frase de Fidel Castro, com a qual me identifico como sujeito cultural, social e construtiva da minha própria história: “Revolução se faz mudando tudo que se deve ser mudado. E tratar os demais e ser tratado como seres humanos”. Nesse contexto em que me reconheço como um ser social ativo e consciente de meus atos, eu sou antes de tudo um ser humano na busca incansável de mudanças, de transformações, desenvolvimento e conhecimentos culturais, sociais, políticos e históricos. Eu sei e sinto que tenho um grande fascínio pelas culturas tradicionais dos povos de todas as gerações, desde os povos bíblicos às gerações atuais, bem como por todas as suas transformações ocorridas ao longo dos tempos.

Penso que para se conhecer a identidade de uma pessoa seja necessário saber de suas ações profissionais e de suas ações como pessoa integrante de uma sociedade, que se objetiva lutar pelos seus ideais. É necessário também se conhecer as relações desta pessoa com as outras pessoas e com a sua categoria, na busca de suas autonomias.

Dito isso, declaro que sou filha de agricultores aposentados e de formação miscigenaria racial do branco com o negro, e em minha família todos que me antecedem vieram de famílias humildes e simples.

Eu nasci em uma casa de farinha, meus pais inexperientes e outros da família, trabalhavam no processamento dos derivados da mandioca. Meus pais são primos legítimos, pois minhas avós materna e paterna são irmãs, uma já faleceu, e a outra está com 92 anos de idade, porém ainda é lúcida. Um dos maiores orgulhos que tenho são meus pais e minha avó; pois eu aprendi com eles o espírito de pessoa guerreira, do bom uso da força e da serenidade, da flexibilidade e da resistência.

Minha mãe se chama Maria Zuleide Vieira de Castro e meu pai Afonso Marques de Castro. Eles me deram o nome de Maria Marlene Vieira de Castro. Eu tive uma infância livre e saudável na companhia de tios e primos. Apesar de minha mãe ter tido onze filhos, apenas três sobreviveram, e os que sobreviveram têm uma longa diferença de idade de uma para o outro. Tenho dois irmãos e não tive um contato na infância com nenhum deles, porque aos meus nove anos de idade nasceu minha irmã, e quando completei dezessete anos, no mesmo mês, nasceu meu outro irmão. Cresci brincando com os animais e as águas dos rios. Andando pelos campos cantando com os pássaros e durante as noites ouvindo as histórias dos mais velhos e suas canções aos sons de violas.

Quando meus pais saíram da zona rural para trabalhar na cidade, foi à primeira

decepção das tantas que eu teria ao longo da vida. Talvez pelo choque daquela mudança que marcou para sempre os meus hábitos, eu não tive uma adolescência tão agradável como foi à infância. Cheia de insatisfações e o desejo de liberdade.

Quando eu me casei o meu nome passou a ser Maria Marlene Castro de Abreu; Abreu é de meu esposo, substituído o “Vieira” da minha mãe e das minhas avós tão queridas. Sou casada há vinte e oito anos e tenho oito filhos. As infâncias dos meus filhos não foram diferentes da minha, pois logo que casei eu convenci ao meu esposo a voltar para a zona rural. Não permite que meus filhos desconhecem os valores de suas origens camponesas; e isto faz com que as nossas histórias de vida tenham muitas coisas em comum. E esta é uma das razões que eu faço questão de mencionar parte das histórias de vida dos meus filhos, como algo importante e que está profundamente ligado a mim e à minha pesquisa.

Parecia que por meios de meus atos não pelo passado, mas pela valorização das minhas origens, eu possibilitei a todos eles um conhecimento de si e do mundo sem que saíssem de suas realidades. O reconhecimento deles pelo nosso esforço se atribui ao fato de se tornarem sujeitos capazes de agirem e reagirem tornando-se construtores de suas próprias histórias.

Um detalhe importante para mim é que, momento em que escrevo essas histórias vivenciadas, minha primeira filha, Ana Caroline, está cursando o sétimo ano do curso medicina em Cuba/Havana; curso conquistado através de uma bolsa de estudo, fruto do convênio com o Governo Federal e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do qual sou integrante atuante e conhecedora, porque moro, trabalho e participo da sua organização política e social, desde 1997.

Meu segundo filho, Antonio Jerri, já formado em matemática e é professor desta disciplina, e acaba de ser chamado para ser submetido aos exames laboratoriais exigidos pelo órgão da secretaria estadual do estado do Ceará, para assim poder assinar sua portaria de professor estadual concursado. Ele é o único dos oito filhos que eu tenho que seguiu a minha profissão. Os dois após esses, que eu acabo de mencioná-los terminaram os estudos do infantil ao médio no próprio assentamento onde foram criados. Logo após eles terminaram os estudos ao nível médio eles casaram. Os demais filhos ainda moram e permanecem usufruindo todos os benefícios e dificuldades existentes no nosso assentamento.

1.1. Formação educacional inicial

Aos sete anos de idade tornei-me conhecida como cidadã brasileira, porque ganhei o direito ao meu registro de nascimento, que embora sem significados na época, por ainda ser muito jovem. Só tive oportunidade de frequentar uma escola a partir de 1979, aos meus onze anos de idade, no colégio municipal João Bosco no Município de Choró Limão. Este foi o meu segundo direito como ser humano, para mim, uma felicidade que não tem fim. Desde então, eu venho em busca dos direitos, porém eu tenho plena consciência dos meus deveres. Entretanto, muitos altos e baixos, desafios e conquistas vêm acumulando daquele ano até hoje. Continuando meus estudos, eu fui matriculada em um colégio de freiras, em um mosteiro no distrito de Dom Mauricio, município de Quixadá, e depois no colégio STELA MARES, na Avenida Antonio Justo, no bairro de Aldeota, em Fortaleza/CE. Essa influência marcou muito a minha formação até os meus quinze anos de idade.

Aos dezessete anos de idade, na 4ª série (5º ano como hoje é conhecido), parei os estudos para casar-me. E fiquei longe dos estudos por 10 longos anos, praticamente afastada de tudo que tinha significado reais para mim. Nesse período, perdi o gosto de tudo que era social como: igreja, amigos, convívio social, entre outros. Só não perdi a esperança de um dia voltar aos estudos e conseguir alcançar os conhecimentos letrados. Enquanto não retornava o acesso à escola, me realizava com a alfabetização dos meus filhos. E hoje recebo deles os elogios de referência das suas formações em todos os sentidos. Quando eu cheguei ao Assentamento 25 de Maio, no ano de 1997, voltei a estudar e no mesmo ano iniciei a minha vida profissional.

1.2. Formação acadêmica

A minha vida acadêmica acontece junto ao meu crescimento de saberes. Que tem se baseado nos saberes do povo, na cultura popular e nas tradições sociais dentro do convívio com a população assentada. O processo é simples: aprendendo e ensinando os valores que nos levam ao exercício de cidadania. Eu encontrei no convívio social a oportunidade de terminar o ensino fundamental. Para mim foi uma necessidade naquele momento, porque meus filhos e meus educandos já haviam me superados na área de conhecimento escolar. O sentimento de ultrapassada me incentivou ir à busca da formação acadêmica, dos conhecimentos teóricos que estivessem em conformidade com as minhas práticas pedagógicas exercidas no

assentamento.

A tarefa de terminar os estudos não das mais fáceis, mas, para mim tornou-se uma necessidade indispensável e intransponível. Embora um tanto tarde, mas eu sabia que não era impossível. Disposta a provar para mim mesma a minha capacidade de superar os obstáculos, renovou-me como pessoa e como profissional.

No início do ano de 1999 conclui o ensino fundamental, e nos seis meses subsequentes conclui o ensino médio. Em seguida eu parti para um curso profissionalizante que validaria o pedagógico, e assim eu garanti o direito a lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental, na Escola Antonio Conselheiro, localizada na comunidade São Nicolau.

Por conta do meu desenvolvimento como professora na escola acima citada, no ano de 2012 eu recebi dois grandes convites, um pela Secretaria de Educação de Madalena para participar do concurso público municipal e outro pela liderança do Assentamento 25 de Maio para fazer um vestibular e ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), concurso realizado em nível de Nordeste para os professores das áreas de Assentamento. Esses convites foram fundamentais e importantes para a minha permanência como professora e também na vida profissional. Era tudo que eu precisava e desejava. E por forças divinas – e por muito esforço pessoal – eu fui aprovada no concurso a nível médio e no vestibular na UFRN, onde realizei o curso de Pedagogia da Terra no período de julho de 2002 a agosto de 2006, concluindo assim as realizações de dois dos meus sonhos, que não eram poucos.

Naquele momento eu já me considerava realizada em alguns dos meus sonhos. Os exemplos disso estão no acesso à formação escolar, e na convivência social; pois eu considero o MST uma das escolas vivas e sociais do mundo.

As estradas em direção às minhas conquistas me eram estimulantes, porém, o caminhar à busca delas, apesar de eu estar decidida, não foi fácil. Inúmeras foram às dificuldades, mas nenhuma grande o suficiente para eliminar os meus sonhos e desejos.

Em meio a estas conquistas eu participei de alguns cursos continuados para professores atuantes e de uma pós-graduação - a qual está sendo duríssima para cursar-, além de obter o reconhecimento profissional não só dos meus colegas, dos familiares, mas principalmente pelo poder público administrativo do município que acreditou e investiu no meu potencial. Outro sonho muito importante para mim é viver para ver todos os meus filhos formados, não só academicamente, mas também como pessoas construtoras de suas próprias

histórias, e o mesmo serve para os meus netos e educandos que por mim passaram.

Hoje eu continuo buscando aperfeiçoar os meus conhecimentos no sentido de adequá-los às práticas pedagógicas necessárias às atuações profissionais. Para tanto, eu continuo seguindo os avanços históricos na educação do meu tempo, e mantenho os olhos abertos em direção ao tempo em que nos encontraremos no futuro, isto também faz parte de mim, pois são sonhos que me acompanham e eu espero realizá-los. Assim sendo, mais um passo já foi dado: eu aprendendo a “mexer” no computador, com o objetivo de melhor poder desenvolver as minhas práticas pedagógicas, e também como uma forma de estar a par das coisas do mundo contemporâneo.

Neste sentido o que mais aprecio no aspecto do meu trabalho, é a experiência cultivada entre estudos e conhecimentos, trabalho e comunidade, ensino e aprendizagem. Eu penso que esse crescimento entre todos os envolvidos no ambiente de trabalho só tende a se fortalecer nas dobras de nossas relações socioculturais, políticas e históricas.

1.3. Vida profissional

A minha trajetória de trabalho profissional teve início em julho de 2007. Quando fui convidada para uma assembleia, pelo presidente da associação comunitária dos assentados de São Nicolau, na época, o senhor Francisco Assis da Silva, e outros convidados ilustres como: os pais dos estudantes da comunidade, os coordenadores de das escolas do Assentamento 25 de Maio e a senhora secretária de educação do município, naquele período a senhora Luzimar de Moraes. Nesta assembleia, por meio de nomeações e votações, ganhei o cargo de professora da segunda série do ensino fundamental; embora leiga. Naquele instante por ser a única professora com o menor grau de instruções causou-me uma vergonha profunda. E acendeu-me uma enorme vontade e desejo de voltar aos estudos. E essa foi a única exigência da senhora secretária. Eu tinha o total apoio dos pais, que me conheciam e acreditavam em mim, mas apenas o apoio dos pais não bastava e nem fazia eu me sentir preparada.

Neste momento eu lancei a mim mesma um desafio: eu não vou descansar enquanto não o superar esta barreira. Nem lembrei que na época eu tinha meus cinco filhos para criar; e o mais novo estava com apenas quatro meses de nascido e a mais velha com 10 anos de idade. Eu resolvi trabalhar e estudar. Mãe eu já era. Dona de casa também. Esposa e

trabalhadora da agricultura também, pois sempre trabalhei na roça. Faltava-me um desafio desse porte.

Primeiro, quando eu vivia com os meus pais e depois com o meu esposo, foram vinte anos de trabalho duro, porém e necessário. Ainda hoje eu carrego as marcas daquele período na face e no restante da pele por quase todo o corpo; são os mapas das estradas por onde eu tive que caminhar construindo a minha trajetória de vida. No dia primeiro de agosto do ano de 1997 eu iniciei a minha entrada na sala de aula; foi um choque! Eu não sabia nem escrever os nomes dos estudantes e eles naturalmente riram de mim. Porém, com humildade e dedicação, no dia seguinte eu fui à sede do município de Madalena e procurei uma instituição chamada Centro de Educação para Jovens e Adultos - CEJA. Enquanto esperava para que fizessem a matrícula, pesquisei as escritas de vários nomes estrangeiros como: Wellington, Richarlisson, Wallison. Todos que tivessem W, Y ou K, letras que eu desconhecia no alfabeto, e nomes que foram se tornando “comuns” nos municípios do interior do Brasil; fruto da americanização e da globalização.

Eu saí da sala de inscrição às 11 horas e 20 minutos na garupa de uma bicicleta e cheguei à Madalena às 14 horas e 30 minutos, mais de três horas depois. Retornei às 17 horas para assistir aula, e ao terminar a aula eu fui à minha casa, chegando a casa às 20 horas. Neste dia eu tive que ficar bebendo água de instante a instante para afugentar a fome, pois eu não tinha dinheiro para comer. No dia seguinte foi quase a mesma coisa. E nos dias subsequentes as variações das condições mudavam muito pouco. Mas como não há alegria eterna, dificuldades também um dia acabam. E após oito meses, em março de 1999 eu concluí o meu curso do ensino fundamental. Para mim, uma grande vitória, comemorada com minha família e com os meus amigos do Assentamento 25 de Maio.

Eu sabia que eu precisava recuperar o tempo que a minha vida havia utilizado em favor de outras realizações. Novamente eu enchi os pulmões de ar e fui à busca de mais concretizações de desejos. Foi então que eu me matriculei no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no município de Madalena para continuar os estudos no ensino médio. E em setembro do ano de 1999 concluí o ensino médio, onde o curso era a distancia, e eu trazia módulos para estudar em casa e duas vezes por semana eu ia ao Centro de Educação para esclarecimentos de dúvidas e realizações de provas. Durante todo o percurso nunca repeti módulos, e nem fui reprovada nas avaliações. Foram vinte e oito meses de muita luta e sacrifício para concluir o ensino fundamental e médio e acompanhar minhas colegas de estudo e trabalho que se mostravam mais eficientes e competentes do que eu dentro do curso. Mas eu

não desisti, pois o meu objetivo não era invejá-las, porém capacitar-me enquanto profissional, e me tornar uma pessoa cada vez melhor, e prosseguir ganhando espaço, respeito e reconhecimento; provar para mim mesma que eu era capaz, afirmando esse compromisso.

No ano de 1999 já com mais conhecimento e segurança arrisquei sair da segunda série e assumi a turma de alfabetização. Não sabia e nem tinha ouvido falar em Educação Infantil, mas era comum no município, principalmente na zona rural, a turma de alfabetização. A turma que antecedia ao ensino fundamental era há de oito anos. Não me esqueci daquela turma, que as forças políticas da época me deram por “castigo”, pois eram crianças de cinco a sete anos que nunca tinham frequentado uma escola, e que eu tinha que alfabetizá-las. Eu fui selecionada porque ninguém queria se comprometer com essa turma, que para todas era uma espécie de “castigo”, mas eu recebi como apenas mais uma das experiências que viriam ao longo da minha trajetória profissional.

Em meio a tantos desafios ofertados pela vida, eu tive mais uma filha. Já eram três meninas e três meninos no decorrer deste período. Após o parto normal como os demais haviam sido cinco dias depois, no dia primeiro de janeiro de 2000, eu senti uma forte dor que paralisou todo o corpo. Eu fui socorrida uma hora depois, com quase sem esperança de sobreviver. Chamei minha filha mais velha e pedi que se alguma coisa me acontecesse que ela cuidasse dos seus irmãos e principalmente da recém-nascida Ana Laura. Deixei meus filhos pequenos sozinhos e desesperados, até a recém-nascida, e fui para o hospital com a minha irmã Maria de Jesus, que estava cuidando de mim e dos meus filhos em sua casa, na sede de Madalena. Porém não era o meu dia, pois a minha missão ainda não havia se concretizado.

Eu voltei para casa, para meus filhos esposo e logo em seguida para o meu trabalho; fonte de energia e orgulho para mim. Aquela dor deixou sequelas de um “esquecimento” em todo o meu lado direito e poucas forças e equilíbrio no lado esquerdo. O diagnóstico médico aferiu começo de trombose. Isso não me derrotou, nem tirou o meu objetivo de luta, perseverança, persistência, resistência, ao contrario. Senti uma força ainda maior, e contei com a proteção e benção daquele que tudo ver, tudo sabe e tudo pode; Deus meu refugio, confiança, segurança e esperança. Ele me deu uma nova chance e eu não poderia decepcioná-lo. Então eu continuei em busca do reconhecimento profissional.

Foi então que eu corri atrás de mais uma etapa educacional do conhecido pedagógico, pois isso me dava o direito de selecionar nas séries iniciais do ensino fundamental. A Pedagogia da Terra teve inicio em Julho de 2002, onde durou quatro anos divididos em oito temporadas de quarenta e cinco dias presenciais, dividida em duas vezes por

ano (julho/agosto e janeiro/fevereiro), e trabalhos complementares a distancia no período de uma etapa a outra.

Iniciamos com 180 professores de todo o Nordeste e Norte do país. Mas durante o seu desenvolvimento, muitos ficaram para trás. Terminamos com apenas 54 professores e a delegação maior foi a do Ceará com 12 professores, todas da reforma agrária. Para podermos participar deste curso nós tivemos o apoio de lideranças do assentamento, de políticos municipais e estaduais, setores do MST e principalmente das nossas famílias.

As minhas idas ao curso eu nunca ia sozinha, ia sempre à companhia de meus filhos mais novos, e nas aulas do período de férias também levava a “Carol”, a minha primogênita. Ela já estava no finalzinho do ensino médio, e estava determinada a estudar medicina. Recuso um curso de enfermagem, que teve início logo após o término da pedagogia e foi para São Paulo estudar espanhol, pois ela desejava ir à Cuba cursar medicina lá.

Em 2007, surgiu outro concurso público em Madalena e eu preferi ajudar no que fosse possível para que minhas amigas dos cursos profissionais fizessem e passassem no concurso. Uma vez que das nove que fizeram o curso de pedagogia comigo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, apenas eu e mais duas havíamos passado no concurso de 2002. Então nós três formávamos grupos de estudos nos finais de semanas para auxiliar as outras que tinham algumas dificuldades em entender algumas matérias. As reuniões do grupo funcionavam um dia na casa de uma, um dia na casa de outra, para que elas ficassem estimuladas a estudar.

Pela minha bagagem emocional, mental e por ser uma mulher que cultiva os valores da solidariedade, respeito e amizade, eu não poderia querer somente para mim o que tantas outras também necessitavam. A mim já eram garantidas as minhas cem horas de trabalho remunerado. E todos os anos eu sofria as angústias de minhas colegas nos finais dos períodos letivos. Quando cinco delas passarem no concurso fiquei tão contente que festejei como se estivesse sido eu a pessoa a ser aprovada. Eu fiquei muito mais feliz com a vitória delas, tanto quanto com a minha. Receber delas um agradecimento sincero, me valeu mais do que mil críticas que eu tive que receber durante todo o meu começo. Eu estava recebendo a minha recompensa anos depois; não que eu cobrasse isso das pessoas ou da vida.

Em setembro do ano de 2007, a minha filha “Ana Caroline” foi aprovada para o curso de medicina, em Havana/CUBA. Foi para mim motivo de muita alegria e de muita dor ao mesmo tempo. No dia 7 de setembro de 2007 quando eu participava do desfile cívico

municipal, com meus estudantes e demais pessoas do assentamento 25 de Maio, durante todo o trajeto do desfile chorava eu e minha filha de mãos dadas. As lágrimas que caía e rolava pelo o meu rosto banhava minha alegria, mas me inundava de dor; essas lágrimas parecem que ficaram grudadas em meu rosto, pois ainda as sinto até hoje; e junto delas está o peso da saudade, a preocupação, a satisfação, o orgulho e a felicidade. Minha filha é (quase) tudo para mim. Abaixo de Deus, eu confio cegamente nela. Como ela sempre deu conta de tudo na minha ausência desde os seus quatro anos de idade, sua ida para Havana/CUBA foi difícil de superar. Quando ela subiu naquele ônibus da Empresa Princesa dos Inhamuns, eu desabei e me desmanchei de lagrimas. Pois eu via a princesinha da minha vida indo embora e deixando o meu coração faltando um pedaço. Esta foi a maior dor que eu já senti em toda a minha vida. Vê-la se desligar de mim, foi demais, não sei como eu suportei.

No dia seguinte era sábado, dia de comida “especial” em nossa casa, porém, eu não consegui comer. Pela primeira vez não comi tendo “fartura” na minha mesa. Foi doloroso, um sentimento de perda enorme, como se minha adorada e amada filha não voltasse mais. O tempo passou e meu primogênito casou em março de 2008. Dessa vez a dor foi mais suave porque ele se casou com uma menina que não tem mãe, então eu busquei nela algo que amenizasse a falta que me fazia a minha filha Caroline. Desta forma Deus me deu mais uma filha, minha primeira nora, Edilene Nunes.

Em julho de 2009, quando a Carol chegou ao portão de casa, não acreditei, minha filha parecia um cadáver em pé. Desfigurada, acabada senti na mesma hora que minhas lagrimas desciam, e mesmo com os olhos embaçados eu pude ver o quanto ela também sofria distante de mim. De imediato eu disse a ela que ela não voltaria mais; porém, eu havia esquecido que de todos os filhos a mais determinada e guerreira não se deixaria abater com alguns sofrimentos ao ponto de desistir dos seus sonhos. E disso eu não poderia e nem deveria reclamar, afinal de contas, essa era parte da herança que eu tinha para deixar para ela e para os seus outros irmãos e irmãs.

Tomada por meu desespero eu perdi o gosto de ensinar, pois eu só queria ficar em casa e cuidar dela. Ao partir em direção a Cuba, Carol saiu de casa pesando 58 kg e em dois anos ela retornou pesando 49kg perdeu 9 kg, eu não conseguia acreditar e nem aceitar. Determinada, ela partiu mais uma vez, despedaçando o meu coração.

Novamente as feridas se abriram e o peito voltou a sangrar. Meu filho ficou comigo morando na minha casa por 1 ano e 7 meses. Eu voltei a dar aulas e nesse período nós fomos educadores de jovens e adultos no programa Brasil alfabetizado, iniciado pela milha

filha Caroline, pela Universidade Federal do Ceará. Meu conseguiu licença para substituir professores municipais, e isso lhe deu experiências e incentivos para seguir a profissão da sua mãe.

O que me deu forças para eu suportar foi saber que chegaria minha primeira neta Larah Evellynn. Quando Larah nasceu, meu filho se mudou da minha casa; era o segundo filho que se desligava do meu cordão umbilical. Em 2010 nasceu meu oitavo e último filho, de uma cesariana. Com 42 anos, as forças estavam começando a falhar. Todos nasceram saudáveis e perfeitos e são os tesouros que eu ganhei de Deus. Tudo o que sou e que faço é em função deles. Porque quero o amor e o respeito de todos e isso só se tem verdadeiramente se conquistá-los.

Em 2012 eu cheguei para minhas colegas profissionais e disse-lhes que haveria um novo concurso e eu voltaria a competir. Elas disseram que dessa vez não sentiriam medo, pois estavam mais preparadas e confiantes. Havia cursado outras faculdades, cada uma por área, e que eu tinha parado no tempo. Respondi-lhes: não me subestimem.

Fizemos todas juntas o novo concurso, que desta vez, não era por escola, mas por polo, e acreditem: eu passei em primeiro lugar em todos os aspectos. Na prova escrita, na prova didática e na prova de requisitos. Eu era a mais velha, tinha mais filhos, mais experiências e uma facilidade notada em conhecimento. O que eu me proponho a fazer seja com bons ou maus resultados, eu faço e geralmente eu não me arrependo de nada que busquei até aqui.

Em 2013 surgiu mais uma etapa na minha vida acadêmica. A pós-graduação. Como a graduação foi feita em uma instituição pública, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a pós-graduação eu não gostaria que fosse diferente. Esta era a oportunidade que eu tanto desejava e esperava. Eu estou cursando a pós-graduação e não tem sido nada fácil; coisa que eu já me acostumei de tanto acontece assim na minha vida. Porém, desta vez existem elementos novos além dos desafios; é que alguns problemas de saúde vêm me acompanhando recentemente; talvez seja o preço que a vida cobra pelo aluguel do corpo.

Apesar das dificuldades persistirem, nesta especialização estou aprendendo muito mais do que eu imaginava. Os conhecimentos por mais que sejam muitos e envolventes, não chegam nem perto dos anjos que me acompanham ao longo de toda a minha trajetória acadêmica e da minha vida como um todo.

2. BREVE HISTÓRICO DAS ORIGENS DOS ASSENTAMENTOS DO BRASIL

A origem do latifúndio⁴ no Brasil está relacionada à dominação do território brasileiro pelos portugueses. Para garantir a posse definida das terras brasileiras o Rei de Portugal doava grandes lotes de terra aos seus amigos.

Nessas grandes propriedades, chamadas latifúndios, praticava-se a (monocultura)⁵ de produtos tropicais, como a cana-de-açúcar, empregando mão de obra escrava. Toda a produção destinava-se ao abastecimento do mercado externo.

Embora, atualmente o Brasil seja um país independente e a escravidão tenha sido “abolida”, boa parte dos latifúndios ainda mantém a mesma função que tinham no período colonial: produzir em larga escala produtos para exploração, isto é, destinado ao mercado externo.

2.1. A questão da terra no Brasil

No Brasil, desde o período colonial, sempre houve uma grande concentração de terras nas mãos de poucas pessoas. Atualmente, a maior parte das terras é destinada à agricultura e a criação de animais de latifúndios.

Muitos desses latifúndios são considerados improdutivos, pois as terras não são utilizadas nem para o cultivo nem para a criação de animais.

A maioria dos pequenos proprietários não consegue apoio financeiro para comprar máquinas agrícolas para investir na melhoria e no aumento da produção, e assim não tem como competir com os grandes proprietários, que utilizam muitas máquinas e têm elevadas produtividades. Sem condições de manter a terra e o seu sustento da família, os pequenos proprietários acabam vendendo suas terras abandonando o campo e vão para a cidade em busca de emprego e melhores condições de vida. Ou então, acabam trabalhando nas terras dos grandes proprietários em troca de alimentos e/ou de baixos salários.

Essa desigualdade na distribuição de terras associada às precárias condições de vida dos trabalhadores têm gerado graves conflitos no campo, entre latifundiários e

⁴- Corresponde a grandes propriedades rurais.

⁵- Cultivo de um único produto utilizando máquinas agrícolas.

trabalhadores rurais, levando muitas vezes ao confronto entre as partes envolvidas – latifundiários e assentados –, chegando a alguns casos a vias de fatos que causam vítimas irreparáveis, e que geralmente os resultados são desastrosos e bem desvantajosos para os assentados, pois não raro, nós assentados saímos novamente vitimados; digo novamente, pois, desde o Império que nós somos vítimas impotências deste processo histórico na luta por uma terra que de direito é nossa.

2.2. A Reforma Agrária

Como forma de aumentar a produção de alimentos, que se destina ao abastecimento das cidades, o governo brasileiro vem realizando o (assentamento)⁶ de trabalhadores rurais por meio da reforma agrária.

A reforma agrária, em tese, consiste na redistribuição das terras de forma mais justa. Para realizar essa reforma, o governo distribui terras que a ele pertencem ou desapropria fazendeiros, que recebem uma (indenização)⁷ pela perda da terra.

A reforma agrária vem ocorrendo de forma lenta, e ainda há muitos trabalhadores rurais para serem assentados em todo país, por descaso do governo federal, e falta de compromisso com o trabalhador. A este respeito, de nossa parte nós fazemos uma avaliação ruim. O governo Dilma, em termos de reforma agrária, não fez nada. Tem avanços, programas sociais, e nós não podemos ser ignorantes e injustos ao ponto de falar que tudo é uma “porcaria”. Do ponto de vista da construção de perspectivas para alterarmos esse modelo agrícola, é péssimo também. Este modelo atende às necessidades do grande capital, e o capital investe na agricultura como forma de ganhar dinheiro, ou seja, uma forma de valorização dos seus investimentos.

A diminuição de desapropriações de terra, da quantidade de famílias assentadas e de novas demarcações de terras de indígenas e quilombolas levou a Comissão Pastoral da Terra (CPT) a classificar os números da reforma agrária no primeiro governo da presidenta Dilma Rousseff como “os piores dos últimos 20 anos” (Agencia Brasil, 7 de Janeiro de 2015).

⁶- Área destinada pelo governo federal onde se estabelecem os trabalhadores rurais, que passam a ter a posse legal das terras.

⁷- Pagamento realizado para compensar perda ou prejuízo.

Na tentativa de agilizar a reforma agrária e ampliar o número de famílias assentadas, trabalhadores rurais organizados têm ocupado bastante o latifúndio (fazendas particulares e terras públicas). Que deixar claro que existe bastante diferença entre ocupação e invasão. A invasão é quando a entrada se dá em um local que está sendo utilizado. Já a ocupação é quando o local não está atendendo à função social de propriedade prevista na Constituição, ou seja, encontra-se sem uso, abandonado. A invasão ofende um direito, a ocupação cumpre uma obrigação.

2.3. Para se plantar sabedorias e colher conhecimentos, é preciso mais que apenas terras.

As primeiras concessões de terras brasileiras foram feitas a homens de recursos, ou seja, economicamente poderosos, capazes de assumirem custos com grandes instalações e aquisição de escravos. A nova população de homens livres que chegavam não tinha acesso às terras, que já possuíam donos. Os homens tornavam-se assim dependentes dos grandes proprietários, trabalhando como artesãos, soldados ou eram aventureiros, o que permitia que o controle da terra fosse mantido. O pequeno plantador se transforma em morador e os sitiantes se tornavam empreiteiros para derrubadas ou agregados para tarefas auxiliares das empresas.

Por isso, além de redistribuir as terras, a reforma agrária deve garantir recursos financeiros e apoio tecnológico aos trabalhadores rurais que recebem terras. Como assistências técnicas, agricultura familiar (hortas, pomares, irrigação, quintais produtivos,...), onde os trabalhadores poderão manter-se economicamente, através da agricultura familiar, produzindo para o seu aumento de produção de alimentos e para o consumo de subsistência, também contribuir para o consumo da população.

Alguns agricultores, após ser garantida a terra, em certo tempo, assentados que abandonam suas terras ou as vendem após sua obtenção, geralmente este fato ocorre motivado pela desistência do trabalho agrícola, cujos titulares têm preferido engrossar as fileiras das tendas nas margens das rodovias, sobretudo porque é ali que recebem mais substancialmente a ajuda governamental.

2.4. Surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST – e a nossa luta ganha ares políticos.

A história do MST começou em 1979, quando agricultores sem terra ocuparam uma área no Rio Grande do Sul, com o objetivo de chamar atenção do governo federal brasileiro para a situação de muitos trabalhadores rurais sem trabalho e sem condições de sobrevivência.

O **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra** surgiu em 1984 quando ocorreu o primeiro encontro do movimento em Cascavel, no Paraná, como uma tentativa de discutir e mobilizar a população em torno da concretização da **Reforma Agrária**.

Entre os principais objetivos do MST destaca-se a luta pela reforma agrária, por uma vida digna aos trabalhadores rurais e por uma sociedade mais justa. Para alcançar seus objetivos, o MST organiza acampamentos (locais onde agricultores/as se organizam em uma propriedade sem uso, onde dão início a um novo processo de construção de sociabilidade, e que estabelecem barracas de lonas para moradia, para um estilo de vida coletivo que cria solidariedade e conflito ao mesmo tempo) e ocupações de fazendas. O MST realiza também, marchas e passeatas de protesto no campo e na cidade. A fim de reivindicar os direitos dos agricultores, que ao mesmo tempo, estão esquecidos pelos governos públicos.

A questão da Reforma Agrária surge devido ao grande número de latifúndios que eram característica do **Brasil Colônia** e que com o início da República começam a ser questionados, deflagrando uma séria de movimentos ao longo da história do país.

Apesar das adversidades e de todas as precariedades, nos assentamentos e acampamentos do MST há escolas para as crianças e programas de alfabetização para jovens e adultos. Esta foi uma das conquistas do nosso movimento. Além, disso organizados em associações, os trabalhadores rurais produzem e comercializam frutas, hortaliças, leites, café e doces, gerando emprego e renda para as pessoas que vivem nos assentamentos.

3. HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO

O Assentamento 25 de Maio está localizado nos arredores dos municípios de Madalena e Quixeramobim, na estrada que liga Madalena à Quixeramobim, mais precisamente a 13 km da sede do Município de Madalena, no estado do Ceará, na região do Sertão Central. O Assentamento 25 de Maio é um marco referencial na história de luta do

Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), que resultou na primeira e maior ocupação do estado do Ceará, realizada no dia 25 de maio de 1989.

O Assentamento 25 de Maio é composto por 22.992,498 hectares, e atualmente nele residem, aproximadamente, 600 famílias distribuídas em 18 comunidades, que são: São Nicolau, Nova Vida I, Nova Vida II, Paus Brancos, Paus Ferros, Caçara, Mel, Quietos, Vila Angelim, São Joaquim, Açude, Agreste, Raiz, Perdição, Aroeiras, Ipueiras, Central, Olho D'água.

Os primeiros passos para a ocupação da Fazenda Reunidas São Joaquim (porque existem várias comunidades dentro da fazenda e uma grande extensão de terra) se deram por membros do MST do estado do Ceará, mais as lideranças sindicais dos municípios de Quixadá, Choró Limão, Quixeramobim, Canindé e o apoio da Igreja Católica de Madalena, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Os principais líderes foram (Fátima Ribeiro)⁸ e (José Rainha)⁹. Antes da ocupação aconteceram dois encontros com representantes do MST, onde foi pensada a data da ocupação para o dia 25 de maio de 1989, durante a ocupação às duas horas da manhã, com a representação de 400 famílias, aonde chegou a 500 famílias no decorrer da luta, onde compareceram outras famílias de localidades circunvizinhas para apoiar as famílias que ocupavam a fazenda.

A fazenda era propriedade do General Wicar Parente de Paulo Pessoa, já falecido que tinha como tutor seu filho José Cândido Parente de Paulo Pessoa. Vale enfatizar que não houve conflito com o mesmo, pois já existia um processo de desapropriação, há mais de dez anos, e nós obtivemos vitória em 30 de junho de 1989. Onde demorou apenas 36 dias para a conquista da terra.

A fazenda foi ocupada por trinta e seis dias na sede da Comunidade Paus Brancos, onde todos os companheiros (as) começaram a construir seus barracos de lona. Dias depois formaram comissões para reivindicarem junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a negociação da terra na qual obtiveram vitória. Foram momentos fabulosos, onde foram realizadas danças, momentos musicais, palavras de ordem, missas e as lideranças tiveram as visitas dos deputados Ilário Marques, Eudoro Santana, Inácio Arruda (todos do partido do PT na época) e do Padre Pedro Paulo Cavalcante de Meneses do

⁸- Fátima Ribeiro, coordenação nacional do MST.

⁹- José Rainha Júnior é um ativista político brasileiro. É um dos líderes do MST, foi afastado das instâncias em 2007 por divergir de algumas posturas políticas tomadas pelas instâncias nacionais influenciadas pela conjuntura atrelada à sua opinião, o movimento ao estado e inviabilizando a construção de um projeto histórico da classe trabalhadora.

município de Madalena.

Após a legalização do Assentamento 25 de Maio, sentiram a necessidade de organizar os trabalhos coletivos e individuais partindo das necessidades surgidas, como: divisão de famílias por comunidades através de agrupamentos por parentesco e municípios, unindo as famílias que já moravam na fazenda que passaram de moradores a assentados. Daí foi feito um grande estudo chamado laboratório organizacional de campo com o objetivo de dar uma visão melhor para os assentados.

A partir do estudo feito pela liderança do MST no ano de 1989, como Maria de Jesus – dirigente nacional – e líderes representando as famílias assentadas, Deusália Afonso – dirigente e advogada do MST –, e outros, onde foi fundada uma cooperativa apenas com vinte sócios, chegando a oitenta durante o processo do decorrente ano. O objetivo da mesma era dar apoio ao Assentamento. Por motivo da cooperativa não ser aceita por todos os assentados (as), surgiu a necessidade de serem formadas outras associações com divisões nas comunidades do Assentamento 25 de Maio.

Hoje nós contamos com uma cooperativa, dezoito associações e um conselho geral formado por quatro membros de cada associação, sendo dois efetivos e dois suplentes, e as definições gerais são decididas no conselho, com o objetivo de serem discutidas as questões políticas, sociais, culturais, ambientais, educacionais e de moradia.

No ano de 1989 da ocupação, ocorreu a primeira candidatura de Luis Inácio Lula da Silva à presidência da república, onde todo o Assentamento 25 de Maio se envolveu. O candidato eleito foi Fernando Collor de Melo, que prendeu os recursos para habitação dificultando assim a construção de casas no Assentamento. Porém alguns assentados construíram, com seus próprios recursos, suas casas de taipa feitas com varas, madeiras, arames e paredes feitas com barro e coberto com telhas. Após os moradores terminarem suas casas, anos depois, com a força e apoio do MST e a organização dos trabalhadores do referido Assentamento, foi conquistado à construção das casas de alvenaria através do INCRA pelo (Projeto São José)¹⁰.

Atualmente temos aproximadamente 600 famílias morando no Assentamento 25 de Maio entre (cadastrados)¹¹ no INCRA e (agregados)¹², com moradia adequada e o

¹⁰- Um convênio com o INCRA, o governo manda o recurso pelo Projeto São José e o INCRA se responsabiliza pela compra de material das casas. Vale resaltar também que a prestação de conta é socializada com os sócios, desde a liberação dos recursos, as negociações de entrega dos materiais, até a finalização do projeto.

¹¹-Pessoas que tem o Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR) é o documento emitido pelo INCRA que

parcelamento da terra está dividido em lotes urbanos e rurais, medindo de 25 a 30 hectares por famílias, ficando a metade do imóvel para reserva legal e a área coletiva para a produção. As condições de vida das famílias são precárias e as atividades produtivas são: o cultivo do milho, do feijão, do arroz, da mandioca, de frutos e de verduras, sendo para o consumo e mercado, milho, feijão e verduras, e só para o consumo arroz, frutas e mandioca. Na área da pecuária a produção é a criação de bovinos, caprinos, suínos, ovinos, equinos e avicultura para consumo humano e venda no mercado, como a carne, o leite, o ovo e o próprio animal.

Nas manifestações culturais temos diversificações religiões diferenciadas e diversas ações, tais como: aniversário do Assentamento; festas natalinas; festas de término de cursos; vaquejadas; corridas de cavalos; reisados; teatro de bonecos; festas juninas; coroação de nossa senhora; batizados; crismas; cultos evangélicos e cantadores da terra.

Na área da educação atualmente temos nove prédios escolares funcionando do Jardim ao 9º ano, nas comunidades de: Paus Brancos, São Joaquim, Quietos e Nova Vida I, e o restante das outras comunidades onde há prédios escolares funcionam do Jardim ao 5º ano. Temos também uma (Escola de Nível Médio do Campo João dos Santos de Oliveira)¹³. Contamos também com transportes escolares que transportam os estudantes para as suas respectivas escolas. Contamos com um quadro de aproximadamente quarenta educadores lecionando e morando na área do Assentamento. Vale ressaltar também que vinte e um professores concluíram a (Pedagogia da Terra)¹⁴, pelo MST, onde 9 (nove) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 10 (dez) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e 2 (dois) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP). Onde todos esses professores são concursados pelo município de Madalena, alguns com cem horas mensais e outros com duzentas horas, alguns são coordenadores pedagógicos e outros diretor escolar.

Na área da saúde contamos com nove agentes de saúde, sendo que cinco deles têm curso de auxiliar de enfermagem. Temos também uma equipe composta de médico e enfermeiro que atendem nas comunidades no período quinzenal, de acordo com as

constitui prova do cadastro do imóvel rural, sendo indispensável para **desmembrar, arrendar, hipotecar, vender ou prometer em venda o imóvel rural e para homologação de partilha amigável ou judicial** (sucessão causa mortis) de acordo com os parágrafos 1.º e 2.º do artigo 22 da Lei n.º 4.947, de 6 de abril de 1966, modificado pelo artigo 1.º da Lei n.º 10.267, de 28 de agosto de 2001.

¹²- São pessoas familiares que moram em áreas de assentamento mais que não tem o Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR).

¹³- Uma escola do campo conquistada através da luta dos trabalhadores com apoio do MST.

¹⁴- Pedagogia da terra – Graduação para os assentados beneficiários de projetos de reforma agrária através do PORNERA. A educação no MST é um movimento que surge de dentro da dinâmica social no campo, colocando no foco de sua pedagogia a formação humana em sua relação com a dinâmica de luta social e, mais especificamente com a luta pela Reforma Agrária.

necessidades do planejamento realizado.

Finalizando a história do assentamento com uma das maiores conquistas dos assentados na área da educação onde possibilitou a presença dos jovens a cursar o ensino médio dentro do assentamento, foi à construção da Escola Estadual de Ensino Médio do Campo João dos Santos de Oliveira, onde também estimulou a conclusão do ensino médio a pessoas que não haviam terminado ainda devido a distancia para cursar nas cidades de Madalena, Quixeramobim e Boa Viagem, com aproximadamente em média de 35 km para as cidades.

A Escola Estadual de Ensino Médio do Campo João dos Santos de Oliveira (João Sem Terra) é fruto da luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST por educação para a população camponesa, como parte da luta pela terra, por reforma agrária e pela afirmação da agricultura camponesa popular. E assim, da terra onde nasceu o MST do Ceará, brota a primeira das dez Escolas do Campo conquistadas, junto ao Governo do Estado do Ceará.

Nesse contexto, o nome da escola foi definido num processo amplo de discussão e participação popular, em consulta realizada às comunidades do Assentamento 25 de Maio. Nessa consulta a comunidade indicou três nomes: Fátima Ribeiro; Edilson Monteiro e João Sem Terra. Dentre estes, em votação tivemos o nome Fátima Ribeiro como o mais votado. Contudo, diante da impossibilidade da homenagem a personalidades em vida, realizou-se nova consulta às comunidades sendo, dessa vez, João Sem Terra o nome escolhido para ser homenageado.



Imagem 1: Escola Estadual de Ensino Médio do Campo João dos Santos de Oliveira, localizada na Comunidade Quieto, Assentamento 25 de Maio.

4. HISTÓRIA DAS ESCOLAS ENVOLVIDAS NA PESQUISA: ANTÔNIO CONSELHEIRO E 25 DE MAIO I

A escola pública de modo geral, torna-se ponto de partida no momento da elaboração do seu projeto pedagógico, quando delinea o seu caminho, forma sua identidade, estrutura seus aspectos e tempos, seus rituais lógicos e currículos. Sem perder de vista as diretrizes nacionais que asseguram a unidade da ação educativa, ressaltando as suas condições físicas de trabalho e constrói a sua autonomia.

4.1. Escola de ensino fundamental Antonio Conselheiro

4.1.1. Breve Histórico da Comunidade São Nicolau

A comunidade onde está localizada a escola Antonio Conselheiro, local de atuação da pesquisadora, zona rural do município de Madalena, Assentamento 25 de Maio com 22,992 mil

hectares, composto por 18 comunidades, entre elas a de São Nicolau que se limita com as comunidades Nova Vida, Caiçara, Pau Ferro e Aroeiras. Sua vegetação é a caatinga que se caracteriza por árvores retorcidas como jurema, mandacaru, marmeleiro, pau branco, xiquexique e aroeira. Com clima semiárido, o acesso à comunidade é feito através de estradas viscerais. Os meios de transporte são bicicletas, caminhão (pau-de-arara), moto e ônibus.

A comunidade São Nicolau é povoada por agricultores pecuaristas, e dispõe de energia elétrica, um açude temporário utilizado para atividades domésticas como: pesca, higienização e hidratação animal. A grande maioria dos moradores em seus lotes de terra possuem cisternas para o abastecimento e consumo humano, que se subdividem em lotes urbanos e rurais e variam de 20 a 30 hectares por família, possui banheiros com fossas.

A religião predominante é a católica, porém já existem trabalhos das Igrejas Deus é Amor e Assembleia de Deus, que já agregam um contingente significativo de adeptos.

Alguns eventos se destacam na comunidade como os torneios de futebol de campo, vaquejadas, festas juninas, aniversário do assentamento, as santas missões da igreja católica, os cultos das igrejas evangélicas e as noites culturais realizadas nas escolas do assentamento.

4.1.2. Histórico da Escola Antonio Conselheiro



Imagem 2: Escola de Ensino Fundamental Antonio Conselheiro.

A atual escola Antonio Conselheiro, teve inicio histórico no ano de 1989, começando a funcionar em galpão de taipa, onde atendia crianças da Educação Infantil, 1ª e 2ª séries e em uma das casas da fazenda, as turmas de 3ª e 4ª series, nos turnos manha e tarde. A entidade era nomeada Escola Romeu de Castro Menezes, em homenagem ao pai do então vigário da paróquia de Madalena Padre Pedro Paulo de Castro Menezes.

Mas em 23 de março de 1993, na administração da Prefeita Municipal, Senhora Antonia Lobo Pinho Lima, foi enviado à câmara dos vereadores a solicitação para construção do prédio Escolar, tendo aprovação imediata no mesmo ano, então começou a construção do prédio atual com duas salas de aulas, dois banheiros, uma cantina e uma secretária, teve sua inauguração no mesmo ano e atendia a demanda gerada em maio de 1989, quando 400 famílias ocuparam a Fazenda Reunidas São Joaquim, onde foram assentadas 67 na comunidade de São Nicolau. Foi então que em uma Assembleia realizada em dezembro de 1993, a moradora da comunidade de São Nicolau, a senhora Maria de Andrade Pereira, que havia participado de uma Romaria em 1992, no Município de Quixeramobim, em homenagem a Antonio Conselheiro, líder de Canudos e contagiada com o exemplo de liderança, organização, força e coragem desse grande líder, propôs seu nome para a Escola para homenageá-lo, sua proposta Foi a que teve maior adesão e a partir de então a Escola passou a ser conhecida como: Escola de Ensino Fundamental Antonio Conselheiro.

4.1.3. Marco filosófico da Escola Antonio Conselheiro

A escola Antonio Conselheiro apresenta o tipo de sociedade que queremos construir, uma sociedade justa e igualitária norteados pelos valores que começam nas novas relações e terminam em uma sociedade sem exploração ou explorados.O marco filosófico é do MST porque as escolas são de áreas de Assentamento.

Acreditando que o ser humano é o “conjunto das relações sociais” concebemos o homem como o sujeito da sua historia, capaz de construir o mundo que o cerca, com atuação na vida política, econômica, cultural e social, sob a luz do conhecimento que liberta. Eis o homem que queremos formar.

Queremos que a escola propicie condições favoráveis para a formação humana, possibilitando a aquisição de competências e habilidades, tornando o educando sujeito de sua própria identidade e história.

Que eduque partindo da realidade onde os envolvidos sejam companheiros no processo ensino-aprendizagem, que se organize criando oportunidades para que educandos se desenvolvam em todos os sentidos, que incentive e fortaleça os valores: solidariedade, companheirismo, responsabilidades e do amor, objetivando um novo homem e uma nova mulher para uma nova sociedade e um novo mundo.

4.2. ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL 25 DE MAIO I

4.2.1. Condições socioeconômicas da comunidade onde está localizada a Escola 25 de Maio I

Localiza-se na zona rural, tendo como limite as comunidades de São Nicolau, Paus Brancos, Barrigas e Teotônio. A vegetação a caatinga, que tem características de árvores como a jurema, mandacaru, marmeleiro, pau branco, xiquexique e aroeira. O clima é semiárido, tem época que é muito quente e outra época que é muito frio.

As vias de acesso são (estradas de terra)¹⁵ que seguem até Madalena. Os meios de transportes mais utilizados são bicicletas, (pau-de-arara)¹⁶, que transporta todos os dias os estudantes e os passageiros das comunidades á sede do município, tem também motos, cavalos e alguns carros particulares. Não dispomos de posto de correio, mas recebemos as comunicações através da agencia de correios Município de Madalena. Os meios de comunicação disponíveis na comunidade são televisões, rádios e celulares particulares.

Os serviços públicos oferecidos á comunidade são educação, eletricidades e o Programa Saúde da Família que atende a comunidade quinzenalmente, não possui esgotos e nem água encanada. As atividades econômicas do lugar é a agricultura, a pecuária, serviços gerais, professor e vigia.

A comunidade dispõe de um açude onde abastece a população da comunidade e outras vizinhas, no açude existem(vazantes)¹⁷ que serve como fonte de renda para as famílias que o possuem. Serve também para atividades domésticas como higienização, pesca e hidratação animal e aos animais.

Os eventos sociais e religiosos mais marcantes da comunidade são a festa do

¹⁵- Estradas de terra de acesso entre localidades que não é asfaltada e nem calçada, quando chove fica ruim devido os buracos que ficam na estrada, dificultando o acesso.

¹⁶- Caminhões com grade coberta utilizados para transportar alunos para as escolas e também fazer viagens para a Madalena.

¹⁷- Local onde se planta capim, milho, feijão, batata, e outras culturas na beira do açude.

padroeiro São Sebastião (19 e 20 de janeiro), semana santa, o dia das mães o aniversário do Assentamento (25 de maio), festa juninas: São João, São Pedro e Santo Antônio, desfile estudantil (7 de setembro), dia das crianças, festa natalinas, ano novo.

4.2.2. Histórico da Escola 25 de Maio I



Imagem 3: Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio I

A Escola 25 de Maio I foi fundada em setembro de 1992, para homenagear a senhora Maria de Lurdes Bezerra Costa, mãe do candidato a prefeito do município de Madalena, na época, o senhor José Lauro que na época era o secretário de saúde do município de Madalena.

A escola manteve este nome por seis anos. Somente em 1998, após muita luta política, a escola passa a ser chamada Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio I, por ser o primeiro prédio escolar edificado dentro do assentamento com inclusão de trabalhadores

voluntários e dos pais das crianças assentadas e da nossa comunidade em geral.

O prefeito na época era o senhor Raimundo Andrades Moraes. O candidato apoiado ao prefeito, o senhor José Lauro, querendo mostra gratidão a sua mãe Maria de Lurdes Bezerra Costa, por ter sido a primeira professora do município de Madalena, antes do município ser emancipado, tê-la patrona desta escola.

A referida escola possui um anexo na comunidade Nova Vida II, localizada no Assentamento 25 de Maio, construída em primeiro de agosto de 2000, em grande maioria custeada com recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) com apoio da prefeitura.

5. PERFIS DAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS NA PESQUISA

As crianças envolvidas na pesquisa que resultou neste trabalho monográfico são antes de tudo seres ativos e perceptivos, filhos de agricultores (as) residentes no Assentamento 25 de Maio. São num total de doze crianças, sendo que seis delas moram nas comunidades Nova Vida I e II, que fica a 9 km da sede do município de Madalena e as demais na comunidade de São Nicolau, residindo a 18 km do referido município.

São crianças resultantes das lutas e das conquistas de pais assentados, construtores de sua identidade e de histórias de um povo em busca de uma sociedade mais digna e de igualdades sociais.

As crianças têm faixas etárias de 3 a 5 anos e que sobrevivem às desigualdades de um povo que luta para viver, e sobrevive no campo; povo que sofrem maus tratos e humilhações daqueles pertencentes à elite que confunde os sem terra com baderneiros e criadores de problemas.

Mas como dizia Paulo Freire (1996, pag. 29): “Pode haver baderneiros entre os sem terra, mas sua luta é legítima e ética”. Baderneira é a resistência reacionária de quem se opõe a ferro e a fogo a Reforma Agrária – RA. A imoralidade é a desordem na manutenção de uma ordem injusta.

Vale ressaltar neste perfil a importância de proporcionar experiências significativas como os valores de cidadania construídos durante o desenvolvimento das crianças, olhar para eles e perceber as experiências que trazem de suas convivências com suas

famílias, das particularidades de suas coisas construídas no dia a dia, de seus finais de semana no convívio no Assentamento, das subjetividades de suas vidas pessoas quando percebendo aquilo que falam e fazem.

Contudo para nos aproximar do conceito de experiências que pode ser tratado como: ato ou afeto de experimentar-se, de provar algo, entrar em contato e explorar possibilidades, na infância temos uma prontidão para viver experiências, estamos mais dispostos e curiosos para descobrir novas possibilidades de uso dos objetos, queremos desvendar mistérios e conhecer o que ainda não conhecemos, porque a importância de falar desse assunto para chegar ao tema desse trabalho que se propõe apresentar os experimentos e vivências contadas pelas crianças de 3 a 5 anos nos seus modos de se fazer arte dentro de duas escolas do Assentamento 25 de Maio.

6. NARRATIVAS METODOLÓGICAS: OS MODOS DE FAZER ARTES DAS CRIANÇAS NO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO, MADALENA – CEARÁ.

É propósito deste capítulo, descrever as técnicas e os métodos utilizados na coleta de dados para posteriores análises dos mesmos, no sentido de ilustrar e justificar os processos e os procedimentos por nós percorridos na busca da compreensão detalhada de nossa pesquisa.

A escolha foi feita pela abordagem qualitativa associada à pesquisa participativa, por serem as que melhor dariam conta do que nós nos propúnhamos pesquisar; uma vez que nós estávamos dispostos a nos embrenhar no universo subjetivo, porém pragmático das crianças assentadas que vivenciam a arte desde muito cedo em suas vidas cotidianas, porque a pesquisadora –também- é assentada e professora de uma das turmas pesquisadas, o que gerou um trabalho monográfico de cunho largamente autoral e pessoal.

As técnicas e os métodos empregados foram às observações durante as aulas de arte nas referidas escolas desta pesquisa, e as ações propostas pela pesquisadora quando das suas atuações enquanto professora de uma das turmas pesquisadas. Para a realização das observações participativas, a pesquisadora/professora contou com o apoio solidário e comunitário, próprio das pessoas assentadas, o que foi de fácil acesso e viabilidade no sentido de realizar os procedimentos técnicos metodológicos na execução dos métodos de coleta dos dados, e que serão relatados a seguir detalhadamente com o objetivo de evidenciar o que

acima foi mencionado por nós de forma concisa neste preâmbulo metodológico.



Imagem 4: Acampamento do MST, referênciapara o Assentamento 25 de Maio.

O primeiro contato com as artes das crianças assentadas inicia desde o processo da construção histórica do qual elas estão inseridas, ou seja, as crianças iniciam o contato com a arte desde a montagem do acampamento, quando a estrutura ainda está em pleno desenvolvimento, quando elas observam o formato da construção das casas com madeira e lonas, até a ornamentação do ambiente físico do acampamento, tudo envolve um fazer artístico, pois é algo que envolve a arte. Montar um acampamento tem em si um fazer artístico, pois comporta estruturas que têm: além das barracas (casa), existe um local destinado para reuniões, para diversões, conversas, contações de histórias, mastro para a bandeira do MST, etc., tudo pensado com praticidade e com estética funcional, ou seja, tem que ser bonito, porém, deve ser prático. E dentro destas ações estão sempre as crianças aprendendo junto com os pais as ações estéticas do acampamento, as crianças aprendem com os adultos os saberes populares adquiridos por seus pais, como o preparo e cultivo da terra, uso de ervas medicinais para os seus medicamentos; e isto não se dá de qualquer forma, existe uma preocupação estética em relação ao aproveitamento do espaço físico, o que gera uma

beleza estética no acampamento. Outras ações artísticas estão inseridas nas músicas, nas canções, nas danças e nos versos que são apresentadas nas reuniões que existem nos acampamentos.

E como esse processo é longo e as acompanham por toda a vida, as crianças se apropriam de conceitos que favorecem sua autonomia, tornando seus experimentos em vivências coletivas. Por poderem fazer parte de uma sociedade organizativa e coletiva, as crianças incorporam significados em suas construções, transformando suas realidades coletivas em reconhecimento de sua própria identidade.

Sabemos que as crianças são seres ativos, curiosos, observadores e receptores, sujeitos aptos em desenvolvimentos cognitivos, e a oportunidade de viverem em uma sociedade, que prima pelos valores éticos e o exercício de cidadania, os diferenciam das outras crianças por crescerem no resgate de um povo camponês, que não aceita o desrespeito e os descasos de uma sociedade burguesa, capitalista e corrupta, que se tornou nosso país. Para que nós transformemos essa sociedade em outra mais justa e digna devemos começar com aqueles que serão os frutos do nosso cultivo, as crianças. Antes mesmo que nossas crianças cheguem às escolas, elas convivem com os pais e com os educadores do povo, e aprendem com essas pessoas a lidar com as pessoas, com terra, com os animais e com a natureza de forma consciente. Aprendem a cuidar e a respeitar a natureza, pois cedo aprendem que é dela que nós dependemos e tiramos os nossos sustentos. Para depois em harmonia, natureza, homens, mulheres e crianças, unidas e fortalecidas, lutarem pelos seus direitos e deveres no cumprimento de cidadania.

Não posso deixar de descrever sobre a Ciranda Infantil do MST, que é um espaço de interação e socialização das crianças com os jovens, porque ela acompanha as crianças desde os acampamentos, apoiando os pais em seus encontros, trabalhos, formações, marchas e outros movimentos em gerais. Na ciranda, as crianças aprendem sobre a sua história e identidade camponesa, quando diversos temas são abordados, inclusive a luta pela Reforma Agrária, por meio do teatro, músicas, filmes, desenhos e pinturas. Os elementos lúdicos, a arte, o estudo e a brincadeira se misturam neste espaço de aprendizado onde os Sem Terrinha constroem conhecimentos.

A Ciranda Infantil surgiu em 1987 durante o 1º Encontro Nacional de Educadores/as da Reforma Agrária (ENERA), com a função de possibilitar a participação dos pais e especialmente das mães nos espaços políticos do movimento, uma forma de garantir o aprendizado dos pais e mães em espaços diferentes. Entre os aprendizados, o conhecimento de

conquistas e luta pela terra, a proposta pedagógica do MST amadureceu e a Ciranda Infantil passou a ter um espaço como foco principal à formação das crianças, onde complementa as ações pedagógicas da escola, dando assistência às crianças quando houver a necessidade de se ausentar delas, assimilando-se como creches, onde as crianças são cuidadas, vestidas, alimentadas, fazem trabalhos de desenhos e pinturas, preparadas para apresentação cultural, teatral, cordel, paródias, e outras manifestações artísticas. Estas atividades são apresentadas nos encontros regionais, estaduais e nacionais do MST. Desta forma, a Ciranda Infantil contribui na formação política e estética das crianças, trabalhando-lhes o gosto, e também lhes garantindo a construção de futuras concepções de militâncias referentes ao MST.

6.1. Descrição da Ciranda Infantil no Assentamento 25 de Maio

A Ciranda Infantil é um processo de socialização para as crianças acampadas ou assentadas onde há uma troca de experiências entre os sujeitos envolvidos dentro desse contexto social e cultural. Social porque as crianças precisam ser cuidadas, estimuladas, e adaptadas para interagir ativa e integralmente (ou parcialmente) com as demais crianças no Assentamento. Cultural porque as crianças são sujeitos de construção e transformação de saberes. Enquanto as crianças participam de uma ação social que pode ser classificada por ciranda e vinda de outra ação social como a escola, além da vivência familiar, promovendo um aconchego que possibilitam às crianças permanecerem, mesmo que ausente dos lares e do convívio escolar, próximo de um ambiente favorecido aos seus desenvolvimentos como seres ativos em constante aprendizagem, construindo contextos socializados, porque são ouvidas e permitidas a elas transformarem seus conhecimentos em ações vivenciadas e compartilhadas entre elas mesmas.

A Ciranda Infantil exerce a função de colher as aprendizagens adquiridas pelas crianças que nela participa, ampliando-os em novos conhecimentos que serão transformados e sendo contextualizados para as práticas e ações pedagógicas nas escolas quando elas retornarem. Um exemplo nacional dessas ações se dá por meio de participação das escolas municipais do campo em eventos estaduais como: seleção de desenhos entre crianças na faixa etária de nove a 12 doze anos de idade. Outra ação também muito significativa é a construção dos jornais escolares, quando as crianças maiores escrevem os acontecimentos locais, e as crianças menores ilustram esses conhecimentos.

A Ciranda Infantil tem um papel cultural de encantar as pessoas que vivenciam esses espaços, por desenvolver expressões culturais com as crianças, onde se percebe a cultura local por meio da naturalidade expressiva, sensorial e corporal da criança. Ao ensinar uma música, uma dança, uma fala, ao interpretar o homem camponês, roceiro, ao contar uma história, um mito ou uma lenda. Tudo é significativo quando uma criança se permite ser o centro cultural dessas ações, transformando-as em artes corporais. Tudo isso pode e deve ser praticadas na escola, mas na Ciranda Infantil é diferenciada, por ser místico, e a mística dá essência à cultura, dá alma aos personagens representados pelas crianças. Ciranda Infantil é um dos espaços de resgate das culturas camponesas e é também um lugar da construção de identidade das Crianças (Sem Terrinhas)¹⁸.



Imagem 5: Crianças na Ciranda Infantil montaram a sigla MST com “jogo de construção” seguindo orientação do cirandeiro.

¹⁸- Sem Terrinha é uma definição que se dá às crianças filhas de acampados ou assentados da área de Reforma Agrária.



Imagem 6: Bandeira do MST em forma de montagem de um quebra cabeça.

Na figura anterior, as crianças receberam peças de quebra cabeça já construídas da bandeira do MST, e montam partindo do centro (círculo), em seguida colocaram as peças ao redor do centro. Após a bandeira construída com as peças, as crianças juntamente com um adulto fizeram gesso caseiro onde as crianças colocaram ao redor da bandeira e pressionaram as mãos com o gesso ainda mole, deixando suas marcas digitais.



Imagem 7: Crianças usando as suas criatividade em artes.

As crianças da ciranda infantil desenhando livremente usando lápis, borracha, pincel, giz de cera, folhas sem pautas, e de acordo com sua imaginação construíram seus desenhos, para depois expor em um mural coletivo.



Imagem 8: Mural dos trabalhos de desenho e pintura realizados pelas crianças.

A Ciranda Infantil é uma mistura de cores, de gestos, de cantos, de dança, de arte e de confraternização. A Ciranda não é uma sala de educação infantil, é uma construção coletiva de aprendizagens artística, é o jeito de fazer e de ser, de um público composto por filhos/as de trabalhadores/as camponeses que vivem no campo. É um espaço onde se juntam crianças entre a faixa etária de 1 (um) mês a 9 (nove) anos, sendo cuidadas por irmãos mais velhos ou outros voluntários escolhidos pelo coletivo de assentados, onde as cirandeiros precisam ser aptos e organizados para não caírem em atritos com as crianças e deixá-las mais ocupadas possível durante os turnos de 08h às 12h e de 14h às 18h.

6.2. Em Busca de uma aprendizagem significativa em arte

A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º. “O ensino da arte constituirá componentes curriculares obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte(1990, p.25): “São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação

artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados a cultura artística, e não apenas como atividade”.

Sendo assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Descrever sobre os experimentos e vivência contada por crianças de séries multisseriadas, em faixa etária de 3 a 5 anos, das escolas de ensino fundamental do Assentamento 25 de Maio, zona rural do município de Madalena/Ceará, especificamente em duas delas, Antonio Conselheiro e 25 de Maio I é uma forma de revelar o modo como as nossas crianças percebem o mundo à sua volta, e o representam com os seus traços e com suas cores.

Um das características das escolas envolvidas neste contexto de construção, especialmente a escola Antonio Conselheiro, está na ornamentação da sala da educação infantil quando as crianças são os sujeitos ativos dessa construção, o primeiro contato que as crianças têm com a arte é conhecer as cores primárias (vermelho, amarelo, azul, preto e o branco) e as secundárias (verde, violeta, laranja, rosa, cinza), onde conhecendo essas cores, as crianças poderão confeccionar as bandeiras do Brasil, do Ceará e do MST, utilizando além das cores, (TNT)¹⁹ branco. Estas características vêm se prolongando ao longo dos anos, como a primeira parte de ornamentação da escola, expondo as bandeiras na área de convivência da escola e na sala de aula.

¹⁹- TNT é um tipo de tecido encontrado em diversas cores e utilizado muito em ornamentações de festas infantis, aniversários, churrasco, e outros.

7. ANÁLISE DE DADOS: UM OLHAR CONSTRUÍDO A PARTIR DOS TRABALHOS DE ARTES FEITOS NAS ESCOLAS ANTONIO CONSELHEIRO E ESCOLA 25 DE MAIO I.



Imagem 9: Início do trabalho da Escola de Ensino Fundamental, desenhando e pintando a bandeira do MST com o Giulio (4 anos).

A pesquisa de campo se deu no período de 09 de março a 02 de abril de 2015. Como é rotina da educação infantil na escola Antonio Conselheiro ornamentar (enfeitar a sala de aula), a professora indaga às crianças por onde deve se começar os trabalhos, Giulio, filho da professora, uma criança ativa, diz que quer construir a bandeira do MST. Ele pediu que a professora fizesse um retângulo TNT que já está exposto na sala, em seguida ele pediu tinta

guache, pois ele mesmo se habilitou a fazer os desenhos, observando a bandeira que estava exposta na sala de aula. Com um giz de cera preto ele traça um círculo no centro do TNT, que ele recebeu da professora. Olhando novamente para a bandeira, ele diz que não sabe desenhar o mapa do Brasil situado dentro do círculo. A professora estimula a criança fazer do seu próprio jeito, e diz que não tem problemas se ficar diferente da bandeira. Então, ele prosseguiu com o desenho. Começou a pintar seu trabalho e não queria ninguém ajudando, os colegas ficaram só observando. Iniciou a pintar pelas bordas do desenho, para não pintar muito fora do mesmo, então continuou na parte inferior até concluí-lo, utilizando assim toda a tinta guache existente na sala.



Imagem 10: Pré-conclusão do trabalho da confecção da bandeira do MST na Escola Antonio Conselheiro.

Giulio (quatro anos de idade) teve que ser criativo e aceitou que seus colegas lavassem os potinhos de tintas vermelha para ele terminar o trabalho, pois a tinta estava acabando antes que ele terminasse de pintar a bandeira; a mesma coisa aconteceu com a tinta verde. Quando Giulio terminou de pintar, expressou-se em voz alta dizendo que era um herói. Mais ficou com raiva por não conseguir desenhar a figura do homem e da mulher dentro da bandeira, e

também de não saber escrever a (identificação)²⁰ no espaço em branco da mesma.

Não havendo mais tempo naquele dia, Giulio teve que se conformar com a promessa da professora de terminar o trabalho no dia seguinte. Pois a tinta precisava secar. No dia seguinte a turma voltou ao trabalho de Giulio, onde a professora sugeriu que recortasse de livrod disponível para recorte existente na sala de aula, a figura do homem e da mulher; assim fizeram as crianças, recortaram as figuras das pessoas e as letras para depois formaram as palavras de identificação da bandeira.



Imagem 11: Resultado do trabalho de artes das crianças da escola Antonio Conselheiro, Bandeira do MST.

O segundo trabalho não foi tão “conflituoso” como o anterior, pois no trabalho anterior, Giulio não quis dividir sua pintura com as demais crianças, e neste trabalho as crianças trabalharam em grupo para construir a bandeira do Brasil. Porém, não tinha pincel para todos, então eles foram criativos utilizando as canetinhas secas para pintar, como se fossem pincéis para pintar sobre o TNT com tinta guache. Douglas, por ser mais experiente, e

²⁰- Identificação da Bandeira: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – Brasil.

já estara mais tempo na turma, pediu que a professora marcasse os pontos da figura para ele traçar o desenho, e assim foi feito. A professora marcou os pontos orientadores do desenho da bandeira, e ele fez o restante do desenho, em seguida os seus coleguinhas o ajudaram a pintar coletivamente a bandeira do Brasil.

No Assentamento 25 de Maio a arte geralmente tem este caráter coletivo e social, pois desde o acampamento, as crianças vivenciam com os adultos o sentido da coletividade, como por exemplo, o embelezamento das casas com canteiros de plantas ornamentais; construção de cercas de madeira alinhadas; pinturas nas casas, nas igrejas, escolas e muros com cores vibrantes, reconstrução das estradas e pontes nos rios, em sangrias de açudes, onde tudo é discutido e decidido coletivamente no assentamento através de grupos organizados por comunidade, e as crianças convivem compreendendo os conceitos de trabalho coletivo, e dentro da escola, as crianças percebem as ações realizadas coletivamente pelos pais, funcionários e professores, onde as crianças visualizam os processos de ensino e as perspectivas de seu próprio universo.



Imagem 12: Início da pintando da bandeira do Brasil no TNT feito pelas crianças da escola Antonio Conselheiro.

O texto visual abaixo mostra o trabalho finalizado, e demonstra a criatividade e a consciência do pertencimento de classe das crianças assentadas, ao fazerem questão de representar um dos símbolos que são importantes nas construções de suas noções de pertencimento e de identificação com as causas de lutas de seus pais e professoras: a bandeira Nacional.



Imagem 13: Resultado do trabalho coletivo da Bandeira do Brasil realizado pelas crianças da escola Antonio Conselheiro.

Outro espaço observado é a arte de cultivar e cuidar das hortaliças, pois a escola possui canteiro permanente construído pelo (Projeto Intervita)²¹ e cuidado pelos pais, comunidade, pelos funcionários e pelos educandos. As crianças aprendem a cuidar e a preservar as hortaliças observando o processo de preparo, plantio, tempo de germinação e tempo de colheita. Tudo intermediado pelas noções de beleza e amor à natureza, o que levam

²¹-INTERVITA é uma associação ONLUS (Organização não lucrativa de utilidade social) não sectária, apartidária e independente, a qual tem o objetivo de trabalhar para o melhoramento das condições de vida das crianças e de suas famílias, em países em via de desenvolvimento, procurando fornecer, às comunidades mais carentes os recursos materiais humanos e de conhecimento necessários para superar a situação em que vivem e adquirir as capacidades que lhes consintam enfrentar os problemas que os afligem, obtendo, deste modo, os recursos suficientes para garantir-lhes a plena autonomia.

às crianças a lapidarem as suas sensibilidades artísticas.



Imagem 14: As crianças na frente da Escola Antonio Conselheiro observando a limpeza da horta.

A colheita da produção das hortas é utilizada na merenda escolar das crianças e repartida igualmente para as famílias que cuidam e preservam pela a sua permanência na escola Antonio Conselheiro durante o ano letivo, aonde é plantado coentro, cebolinha, cenoura, beterraba, tomate, pimentão, pimentinha de cheiro. Bem como algumas ervas tais como: cidreira e capim santo, para a realização de chás. Também são cultivadas plantas frutíferas como mamoeiro, goiabeira, bananeira, acerola, maracujá, limoeiro e laranjeira que servem de alimento para as pessoas assentadas. Também são plantados milho e feijão, onde tudo é colhido na escola e utilizado na merenda escolar dos estudantes, e o que sobra é dividida para os pais dos estudantes.



Imagem 15: Famílias dos estudantes limpando e colhendo verduras na Escola Antonio Conselheiro.

7.1. Análise de dados dos trabalhos de Artes na Escola 25 de Maio I

A professora iniciou a aula distribuindo sementes de pau Brasil aos educandos, onde foi feita uma predição de como poderia utilizar as sementes nos desenhos, se as crianças conheciam a origem das sementes, o nome das sementes, a cor das sementes, e outros. Em seguida a professora entregou folhas sem pautas às crianças e pediu para elas desenhar o que fosse mais fácil para elas. Uma criança sugeriu o desenho de um coração e todas adotaram o mesmo desenho.

As crianças desenharam um coração e assinaram seus nomes, em seguida utilizando as sementes e cola branca, colando as sementes em contorno com o desenho do coração. As meninas capricharam mais deixando as sementes juntas umas das outras.



Imagem 16: Desenho de um coração com sementes de pau Brasil em seu contorno na Escola 25 de Maio I.

Uma das crianças da imagem observou e concluiu seu trabalho utilizando o mesmo processo da imagem acima e abaixo.



Imagem 17: Criança contornando, com a semente de pau Brasil, o desenho de um coração.

Afirmamos que o trabalho da escola 25 de Maio I se deu através de muito esforço por parte da professora em conseguir a semente e desenvolver um trabalho criativo com as crianças, embora ela desejasse que as crianças tivessem outras ideias, mais, a mesma não interviu na decisão das crianças. Segundo a professora, o trabalho realizado pelas crianças foi inspirado pelo pintor Van Gogh.

Enquanto que os trabalhos das crianças da escola anterior foram inspirados na vivências das crianças.

8. DIALOGANDO COM OS AUTORESEM BUSCA DE OUTRAS COMPREENSÕES.

Dentro das referências bibliográficas desta monografia alguns autores e autoras deram contribuições de suprema importância, entre eles e elas, Paulo Freire é o autor que mais se aproxima da realidade do povo camponês, pelos seus pensamentos contidos nos livros *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia do Oprimido*. Outras autoras que também nos

orientaram e nos serviram como referências basilares nos modos de perceber melhor as ações próprias das crianças, foram as autoras Sibebe Aparecida Ribeiro e Elisa Pereira Gonçalves, onde as referências das autoras nos ajudaram na organização da pesquisa participativa realizada.

Uma vez que as crianças sendo do mesmo contexto cultural, apresentam aspectos diferentes de construir conceitos, ampliar ideias e atribuir sentidos socializados.

Tendo como guia algumas reflexões históricas do processo em que nós encontramos em plena busca pela a educação infantil de qualidade, as Escolas Antonio Conselheiro e 25 de Maio I ainda lutam por permanência de suas crianças estudando perto de casa e isso persiste nos multisseriados, tornando uma missão quase heroica para os professores que se desafiam a ensinar as turmas multisseriados.

Paulo Freire afirma no Livro da Pedagogia da Autonomia (1996, p. 29)

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervindo, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Segundo ainda Paulo Freire(1996, p. 43), em minha opinião, o maior educador brasileiro de todos os tempos e ainda tão pouco conhecido por nossos professores, “ensinar não é transmitir conhecimentos, exige consciência do inacabado, o reconhecimento de ser condicionado, o respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos”.

Ensinar artes assim como todas as outras áreas do conhecimento, necessita da ação e representação para uma aprendizagem que respeite as diversidades culturais do campo, possibilitando o resgate a identidade de suas gerações, as suas raízes do povo camponês. A este respeito Paulo freire (1996, p. 30) afirma que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os educandos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Paulo Freire deve ser não só para os professores das áreas de assentamentos, um exemplo a ser seguido e admirado, mas para todos aqueles que abracem a causa da educação. Inspirar-se nele me faz reconhecer lições de educadora que me proponho ser, comprometida e disponível as tomadas de decisões, acreditando nas mudanças que favoreçam a todos sem exceção, uma educação de qualidade. Novamente Paulo Freire (1996, p. 47 e 68) nos ilumina dizendo:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. [...] Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito a sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho.

O educador que é aberto ao diálogo, sabe escutar e querer bem aos seus educandos, livre e autônomo para transformar o meio em que vive, garantindo as suas crianças a plenitude de sua infância.

Vigotsky estudou conceitos fundamentais do pensamento e da aquisição da linguagem na criança e coloca questões sobre psicologia da arte que marcam uma reviravolta nas concepções tradicionais. Desenvolvem concepções novas para a época em crítica, como sua teoria sobre a origem sócio-histórico das funções psíquica superiores e as funções do ensino no desenvolvimento psíquico das crianças.

Baseado nas informações dos autores acima citado, se faz necessário relatar que os experimentos e vivências, nos modos de fazer artes no Assentamento 25 de Maio, especificamente nas escolas observadas, veem de várias jornadas, foram vividas e trilhadas por muitos caminhos para que se observem e registrem o prazer que essas crianças têm em relatar em suas falas e gestos, seu modo de fazer artes.

Neste sentido se faz necessário afirmar que a arte do prazer de ensinar, é também aprender a compartilhar as ideias praticadas pelas escolas observadas neste trabalho para as demais instituições de ensino, uma vez que no assentamento não existe sala de educação infantil e sim salas de educação infantil anexadas às escolas de ensino fundamental, nesta lógica apresentamos os experimentos sobre os modos de fazer artes no Assentamento 25 de Maio através dos trabalhos realizados pelas escolas pesquisadas, como Antonio Conselheiro e 25 de Maio I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança quando entra na escola trás em si aspectos muito fortes, devido influências culturais e tradicionais. A vida da criança com relação à família e o espaço enquanto escola oferece oportunidades para produzir conhecimentos além do seu espaço.

Para se trabalhar a pluralidade do contexto histórico é indispensável e importante criar situações que abrangem seus conhecimentos em relação ao passado e ao presente, em busca do futuro.

Trabalhar a dialética, valorizando seus espaços, envolvendo outras linguagens, como representações gráficas, ilustradas na pesquisa, através dos elementos que refosem os processos de reconhecimento, especialmente a arte que tem essa oportunidade de entregar-se e conhecer documentos desse porte como jornais, voltaram à limitação das áreas curriculares. A criança deve ser permitida o direito de voz e vez nas suas atividades. Quando se cria espaços de participação, cria-se o caminho para o pensamento e a reflexão.

Sinalizamos dentro das considerações finais que as nossas pretensões na realização deste trabalho são sempre ou quase sempre apresentadas e ilustradas por linguagens simbólicas, um mundo que nos cerca por sua vez, tem um significado que construímos para nós. Uma construção que se realiza pela representação de objetos, de ideias e conceitos e é a forma essencial de nossas experiências no mundo em que vivemos. Consequentemente refletimos os nossos modos de ser e de estar nele, por isso a linguagem artística abordada, apresenta um olhar pelo qual agimos e nos tornamos conscientes da realidade em que nos encontramos. A criança do campo não se limita a recordar experiências vividas ou contadas. Nem as reproduções fiéis de obras de artes, ainda que elas também se interessem por situações criadas, as crianças do campo, assim como quaisquer outras crianças de outros contextos sociais, necessitam de experiências anteriores que lhes

permitam a criar símbolos, nem que sejam simples repetições das coisas vistas ou ouvidas no seu cotidiano.

Confessamos que não fizemos do pouco tempo disponível para escrever este trabalho um obstáculo, ou se quer desculpas para não realiza-lo, mas as dificuldades por nós enfrentadas foram usadas como experiências que se tornaram estímulos em busca das superações. Apesar de não nos dar por satisfeitos com os resultados apresentados, pois esperávamos incorporar outras coisas à pesquisa, por saber que somos capazes, porem até o momento existiam poucos subsídios para que pudessem fortalecer o trabalho. Entretanto, existiram esforços por parte das escolas envolvidas na pesquisa, de seus professores e professoras em não se limitarem apenas a abrir as portas, mas também na partilha dos objetivos apresentados, bem como na busca por qualificar suas ações.

Gostaríamos de ter tido oportunidades de visitar outras escolas, acreditamos que as mesmas embora sendo do mesmo contexto social, têm muito a contribuir para um trabalho do qual nós em princípio chegamos a pensar em incluí-las, porém, as condições não nos possibilitaram realizar tais inclusões. Confessamos ainda que os motivos desfavoráveis a realização da pesquisa de campo aconteceram devido ao atraso no início do ano letivo municipal, os problemas de saúde da pesquisadora e sua falta de recursos financeiros para a realização de registros e arquivos sobre a Ciranda Infantil no Assentamento 25 de Maio, contribuíram um pouco para as frustrações, desapontamentos e inconformidade do que se pretendia apresentar. Confessamos que nós esperávamos outros resultados pela riqueza de fatos observados, mas ficaremos devendo; dívida que nos estimula caminhar em direção à conquista do mestrado, onde talvez possa continuar este trabalho monográfico, transformando-o em dissertação. Até nós realizamos um desejo, ampliar este trabalho no mestrado será a realização de um sonho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte e educação?** 6ª Ed. Campinas: Papirus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversando sobre iniciação a pesquisa científica.** Editora Alínea, Campinas, SP, 96p. (4ª edição), 2007.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

RIBEIRO, S. A. **O brincar com experiências em estudo com crianças de primeira série de uma escola pública rural.** 2007. 136p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

SILVA, Ana Paula Soares. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo.**